

O FRANCO PALADINO

(Proclamação dirigida à Comunidade Espírita)

ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DO ESPIRITISMO
CODIFICADO PELO MESTRE ALLAN KARDEC

Distribuição gratuita = Tiragem: 200 exemplares

NITERÓI/RJ = ANO III = Nº 31 = JANEIRO DE 2006

ASSIM FALOU ALLAN KARDEC

(O Espiritismo independente *)

“Comunicaram-nos por carta que há um projeto para se dar a um periódico o título de *Jornal do Espiritismo Independente* (...) Vamos tentar por a questão no seu devido lugar.

Para começar, perguntamos: “- Que é o Espiritismo Independente? De que autoridade incômoda entendem libertar-se os que querem o Espiritismo independente, desde que nem há poder constituído, nem hierarquia, fechando a porta a quem quer que seja, de vez que não temos sobre eles nenhuma jurisdição e que se lhes agrada afastar-se de nossa rota ninguém poderá constrangê-lo a aí entrar? Algum dia nos fizemos passar por profeta ou messias? Levariam eles a sério os títulos de sumo-sacerdote, de soberano pontífice, mesmo de papa, com que a crítica houve por bem nos gratificar? Não só jamais os tomamos como também os Espíritos jamais no-los deram. – Há ascendente em nossos escritos? O campo lhes está aberto, como a nós, para se conciliar as simpatias do público. Se há pressão, ela não vem de nós, mas da opinião geral que põe o seu veto naquilo que lhe não convém e porque ela própria sofre o ascendente do ensino geral dos Espíritos.

É, pois, a estes últimos que, em definitivo, se deve atribuir o estado de coisas, e é talvez mesmo o que faz que não mais os queiram escutar. – Há instruções que nós damos? Mas ninguém é forçado a se submeter a elas. – Devem lamentar-se de nossa censura? Jamais citamos pessoas, a não ser quando devemos elogiar, e nossas instruções são dadas sob forma geral, como desenvolvimento de nossos princípios, para uso de todos. Se nossas instruções são más, se nossas teorias são falsas, em que isto os pode ofuscar? O ridículo, - e ridículo há – será para nós. Têm eles de tal modo sabidos os interesses do Espiritismo que temem vê-los periclitarem em nossas mãos? – Somos muito absoluto em nossas idéias? Somos um cabeça dura com quem nada se pode fazer? Ah! Meu Deus! Cada um tem os seus pequenos defeitos; nós temos o de não pensar ora branco, ora preto; **temos uma linha traçada e dela não nos desviamos para agradar a ninguém** (grifo nosso). É provável que sejamos assim até o fim.

É sorte nossa que nos invejem? Onde estão os castelos, as equipagens e os nossos lacaios? É certo que, se tivéssemos a fortuna que nos atribuem, não seria dormindo que ela teria vindo e muita gente amontoa milhões num labor menos rude. – Que fazemos do dinheiro que ganhamos? Como não pedimos contas a ninguém, a ninguém temos que as dar; o que é certo é que não serve para nossos prazeres. Quanto a empregar ou sustentar agentes e espiões, devolvemos a calúnia à sua fonte. Temos que nos ocupar de coisas mais importantes do que saber o que

faz este ou aquele. Se fazem bem, não devem temer qualquer investigação; se fazem o mal, é lá com eles. Se há os que ambicionam a nossa posição, é no interesse do Espiritismo, ou no seu próprio interesse? Que a tomem, pois, *com todos os seus encargos* e provavelmente não acharão que seja uma sinecura tão agradável quanto supõem. Se acham que conduzimos mal o barco, quem os impedia de tomar o leme antes de nós? E quem nos impede ainda hoje? Lamentam-se de nossas intrigas para fazermos partidários? Nós esperamos que venham a nós e não vamos procurar ninguém; nem corremos atrás dos que nos deixam, porque sabemos que não podem entravar a marcha das coisas; sua personalidade se apaga diante do conjunto. Por outro lado, não somos bastante vão para crer que seja por nossa pessoa que se ligam a nós; evidentemente é pela idéia de que somos o representante. É, pois, a esta idéia que reportamos os testemunhos de simpatia que têm a bondade de nos dar.

Em resumo, o Espiritismo independente seria aos nossos olhos uma insensatez, porque a independência existe de fato e de direito e não há disciplina imposta a ninguém. O campo de exploração está aberto a todos; o juiz supremo do torneio é o público; a palma da vitória é para quem sabe conquistar. Tanto pior para os que caem antes de atingir a meta.

Falar dessas opiniões divergentes que, em definitivo, se reduzem a algumas individualidades, e em parte alguma formam corpo, não será talvez, - perguntarão algumas pessoas -, ligar a isto muita importância, amedrontar os adeptos, fazendo-os crer em cisões mais profundas do que realmente o são? Não é, também, fornecer armas aos inimigos do Espiritismo?

É, precisamente, para prevenir esses inconvenientes que disto falamos. Uma explicação clara e categórica, que reduz a questão ao seu justo valor, é bem mais própria a assegurar do que a espantar os adeptos. Eles sabem a que se ater e aí encontram argumentos para a réplica...” (Extraído da Revista Espírita de abril de 1866)

NOSSO COMENTÁRIO

Como Kardec, nós também temos uma linha traçada: conhecer, profundamente, os ensinamentos dados pelos Espíritos Superiores ao Missionário Lionês. Dela não pretendemos nos desviar para agradar a ninguém, muito menos aos diretores da auto-denominada “Casa Mater”. Eles dirigem o Movimento Espírita Brasileiro, mas se desviaram do caminho certo e há mais de cem anos vêm seguindo a linha traçada pelos Espíritos mistificadores que ditaram a obra apócrifa intitulada “Os Quatro Evangelhos” de J. B. Roustaing.

“BRASIL, PÁTRIA DO EVANGELHO”

PODE ?!

Em 1938, o Espírito de Humberto de Campos, pela mediunidade de Francisco Cândido Xavier, euforicamente, proclamou: “BRASIL, CORAÇÃO DO MUNDO, PÁTRIA DO EVANGELHO”. E, como exaltava a obra do jesuíta Padre Manoel da Nóbrega e a ação dos pioneiros do Espiritismo no Brasil, a obra foi prefaciada por Emmanuel e publicada pela Federação Espírita Brasileira, transformando-se logo no livro mais vendido e mais procurado pelos espíritas brasileiros e estrangeiros também, pois tem sido traduzida em vários idiomas.

A alegria e satisfação que essa obra causou no mundo espírita foram enormes, pois se passou a ter a convicção plena de que, sob a proteção do “Coração misericordioso do Cordeiro de Deus”, nosso país iria se transformar, imediatamente, num verdadeiro eldorado, “lugar pródigo em delícias e riquezas”, ou seja, o verdadeiro paraíso terrestre, que a Humanidade vem procurando há tantos séculos. E o fanatismo que essa obra provocou no meio espírita foi tão grande que pelo “Pacto Áureo”, assinado em outubro de 1949, transformando o Conselho Federativo Nacional num simples Departamento da FEB, ficou decretado que: “cabe aos espíritas do Brasil porem em prática a exposição contida” no livro em epígrafe.

Muito bem! Estamos iniciando este mês o sexto ano do século XXI e do terceiro milênio. De 1938 até 2006 foram passados já sessenta e oito anos. Olhando-se então para tarás, pode-se perguntar hoje: “ – Será mesmo o Brasil a Pátria do Evangelho, como declarou, euforicamente o Espírito de Humberto de Campos? Será?!!!”.

Na minha modesta opinião, acho que não, por vários motivos, a começar pelo seguinte: a pátria é o lugar, o país, onde nascemos, e não foi no Brasil que o Evangelho nasceu e sim na Palestina, onde foi pregado e exemplificado por Jesus de Nazaré, o grande Homem, e não esse agênerê falso e mentiroso, que andam mostrando por aí. Será que esse Espírito, que se apresentou como sendo Humberto de Campos, um dos “imortais” da Academia Brasileira de Letras, não sabia disso?! E depois, quem acompanha as notícias veiculadas pela imprensa escrita, falada e televisionada, tem a convicção plena de que aqui o progresso moral, o progresso espiritual não vêm acompanhando o progresso material, que caminha numa velocidade imensa. Na verdade, materialmente falando, o país se transformou muito: as cidades de outrora viraram metrópoles; os antigos territórios passaram a ser Estados da Federação; as capitais das antigas províncias viraram megalópoles, cheias de altos edifícios, de magníficos condomínios, de palácios suntuosos públicos e particulares; as ruas, depois de calçadas, foram asfaltadas; os lampeões, que iluminavam as casas e as vias públicas, foram substituídos por lâmpadas elétricas; nas residências, nas casas comerciais e nas repartições públicas, apareceram os rádios, os telefones, as televisões, os computadores; os dramas, as comédias e os romances de amor, que, antigamente, só apareciam nos livros, nos teatros e nos cinemas, hoje em dia aparecem também dentro de casa, onde as famílias se reúnem diante das televisões para

assistir às telenovelas... Enfim, um grande, um imenso progresso material, que deu ao Brasil a categoria de país emergente, que sai do terceiro mundo e já quer se igualar às grandes potências mundiais.

Em contrapartida, como vive a população brasileira?

Não precisaríamos dizer nada a este respeito, porque as manchetes de jornais e revistas, os livros, os filmes, os programas televisivos aparecem, diariamente, dentro de nossa própria casa, para nos dizer e mostrar como anda o mundo moderno nesta chamada “Pátria do Evangelho”. Pátria abençoada e protegida pelo Cordeiro de Deus, que aparece, majestosamente numa estátua de pedra com os braços abertos e acolhedores para os turistas nacionais e estrangeiros tirarem suas fotografias.

E o que se passa na sociedade?

As criancinhas recém nascidas, frutos da violência, renegadas pelas mães, são jogadas nas latas de lixo e as que não têm esse destino, ficam vivendo em lares formados por pessoas carentes, onde as mulheres miseráveis vivem trocando de companheiros, que as engravidam e dão no pé, deixando-as com vários filhos fracos e desnutridos. Os que já têm idade para aprender a ler e escrever, ao invés de irem para as escolas, vão para as ruas pedir esmolas ou se mostrar aos motoristas de taxis e carros particulares como malabaristas, e assim conseguem levar para casa alguns trocados, para ajudarem os pais nas despesas da família. Outros, muito cedo, enveredam para o mundo das drogas e da prostituição, tornando-se vítimas de traficantes do sexo e de padres pedófilos.

No meio urbano a situação é esta: casamentos que duram meses; violência contra as mulheres em casa e nas ruas; assaltos, estupros, sequestros; invasões de imóveis pelo grupo dos sem-teto, que depois são despejados à força pela polícia por ordem do juiz de direito; filas intermináveis nas escolas para se conseguir matrículas, nos hospitais e clínicas de saúde, para se marcar consultas, muitas vezes transferidas por falta de condições materiais e de profissionais, que estão constantemente em greves prolongadas. E os que precisam de atendimento de urgência não encontram vagas e têm de ficar esperando nos corredores...

No meio rural a escravidão humana ainda existe apesar da famosa “Lei Áurea” e os “sem terra” vivem invadindo e tomando à força as propriedades alheias.

No âmbito da administração pública, o exemplo que vem de cima é péssimo: falta de cumprimento das promessas feitas em campanhas eleitorais; desvios de verbas para fins ilícitos; corrupção das autoridades; suborno por parte dos servidores, nos três níveis de governo (municipal, estadual e federal) e nos três poderes da República (Executivo, Legislativo e Judiciário); abertura de processos policiais e de comissões parlamentares de inquéritos, para julgamento dos infratores, resultando daí as constantes cassações de mandatos...

Enfim, uma vergonha! Sim, uma VERGONHA”

E é isto que o Espírito de Humberto de Campos, que, em vida chegou a envergar o fardão da Academia Brasileira de Letras, chamou de “Pátria do Evangelho”...

Quá! Quá! Quá! Quá!... Só rindo mesmo!

E.C.P.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

De Belo Horizonte/MG, chegou-nos a seguinte carta:

“Prezado Sr. Erasto...

“Chegou até minhas mãos, por intermédio de um amigo espírita, pessoa devotada e estudiosa da Doutrina, o seu boletim *O FRANCO PALADINO* e me encantei com ele.

“Eu também estou estudando e me dedicando muito a esta doutrina maravilhosa, que é a Doutrina Espírita.

“O Sr. é uma pessoa que fala direto, franco, sincero e conhecedor da Doutrina Espírita. O seu jornal nos esclarece muito. É disso que os espíritas precisam: franqueza, estudo e dedicação.

“Gostaria, se possível, de receber o seu “O FRANCO PALADINO” pelo Correio, pois ainda não tenho computador em casa.

“Desde já me coloco à sua inteira disposição, caso venha a Belo Horizonte. Terei imenso prazer em hospedá-lo e ser sua cicerone pela cidade e pelas casas espíritas. Freqüente o Grupo da Fraternidade Espírita Irmã Scheilla, de cuja livraria sou tarefeira”.

Assinado: *Tânia Perácio Taboada*

Nota do redator: Muito obrigado, irmã, por sua cartinha e pelas palavras bondosas e tão incentivadoras que me dirigiu. Terei também imenso prazer em conhecê-la pessoalmente e prometo que a procurarei, quando for a Belo Horizonte.

A partir deste mês a senhora passará a receber o meu jornal mensal “O FRANCO PALADINO”. É um prazer servi-la

UM GRITO DE ALERTA AO CENTRO ESPÍRITA.

“GRUPOS MEDIÚNICOS: UM DESAFIO PARA OS DIRIGENTES”

= ASPECTOS DIGNOS DE NOTA =

IVO GALINDO, RECIFE/PE

“Encontramo-nos em um estágio verdadeiramente mais próximo do início do que do fim da caminhada evolutiva. Por conseguinte, o caos, a desorganização é que comanda o carro da nossa existência.

“Os nossos compromissos, quando muito, são parcialmente cumpridos, e com acentuada sofreguidão. O desperdício de tempo é ainda a marca registrada da nossa imaturidade espiritual.

“É incomensuravelmente, mais fácil deixar-se envolver por uma aventura sexual qualquer, do que ser fiel; discursar, do que agir; prometer, do que cumprir; falar, do que praticar; desesperar-se, do que se resignar; agredir, do que se conter; ter ciúmes, do que confiar. ter inveja das conquistas alheias, do que obter as nossas próprias conquistas.

“Já que vivemos banhados nas águas das imperfeições e bronzeados pelos raios da indisciplina, torna-se mais cômodo, para muitos, acusar de intransigentes àqueles que funcionam como organizadores de trabalhos nas Instituições Espíritas, do que reconhecer os seus próprios erros, compreendendo o verdadeiro papel que os organizadores representam, tanto no melhor do nosso desempenho espiritual, quanto na implantação e

manutenção de tarefas nobres dentro do Centro Espírita.

Não há amor verdadeiro sem disciplina, compromisso, sem a responsabilidade devida.

Ninguém é obrigado a freqüentar tal ou qual Instituição Espírita, e, muito menos, forçado a desenvolver esta ou aquela tarefa dentro do Centro.

No entanto, se, espontaneamente, integramos determinada atividade, devemos realizá-la com o máximo de empenho.

Na seara mediúnic, são comuns os ruídos constantes, provenientes do confronto entre “demônios e anjos”, isto é:

- O caos, tentando vencer a organização;
- A impontualidade, somando forças com a falta de assiduidade, com o objetivo de derrotar a disciplina;
- A falsidade, de braços dados com a hipocrisia, na tentativa de substituir o verdadeiro **amor**.

A **impontualidade** e a **falta de assiduidade** de muitos participantes de reuniões mediúnicas representam um forte escolho para os dirigentes dessas tarefas.

Além do conhecimento doutrinário, os dirigentes de trabalhos mediúnicos deverão possuir a maturidade necessária, para que o bom senso não lhes falte na administração das questões atinentes à DISCIPLINA que a tarefa exige.

Há falhas que pesam, apenas, no indivíduo, não trazendo prejuízos para outras pessoas. Entretanto, quando se trata de um integrante de tarefa mediúnic, contaminado pelo vírus da impontualidade e da falta de assiduidade à tarefa, há de se considerar, sobretudo, os prejuízos originados dessas falhas e que são arremessados sobre os demais componentes do grupo, quais sejam:

- **ansiedade** da espera;
- **insegurança** de poder contar com aquele elemento nos próximos trabalhos;
- **agitação** vibratória no ambiente, quer gerada pela ansiedade da espera, quer gerada pela chegada súbita do indivíduo, prejudicando a harmonia do conjunto.

O dirigente desse trabalho não pode vacilar em situações como essa. Os casos individuais, dentro do grupo mediúnic, devem ser considerados, mas não podem sobrepor-se às necessidades do coletivo.

**AMOR E TOLERÂNCIA, SIM;
CONIVÊNCIA, NÃO !**

(Trecho extraído do livro “UM GRITO DE ALERTA AO CENTRO ESPÍRITA”, págs. 88, 89 e 90, - uma produção independente de autoria de Ivo Galindo, Presidente do Grupo Espírita “ Novo Alvorecer”, da médium Vera Galindo e do Dr. Marco, Espírito protetor do Grupo)

“Quem **estuda**, aprende; quem **aprende**, pode discernir; quem sabe **discernir**, usa a razão; e quem usa a **razão**, sofre menos, pois utiliza-se do **equilíbrio**, diante do **agir**”

Dr. Marco (Espírito)

A UNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO ESPÍRITA FLUMINENSE

Informa-nos “O Espírita Fluminense”, Ano XLIX, nº 302, de setembro/outubro de 2005 órgão informativo da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, que, em assembléia realizada em 12 de outubro último, no auditório dessa Federativa, com o comparecimento de 84 associados, foi criado o Conselho Espírita do Estado do Rio de Janeiro – CEERJ. E isto só foi possível com a fusão da Federação Espírita do Rio de Janeiro, com sede em Niterói/RJ e a União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, com sede na cidade do Rio de Janeiro/RJ. Desta forma, a antiga Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro passou a chamar-se Instituto Espírita Bezerra de Menezes, por modificação do Estatuto da FEERJ por 80 votos a favor. Por sua vez a União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro, passou a atuar em âmbito municipal como União das Sociedades Espíritas da Cidade do Rio de Janeiro.

Esta histórica Assembléia foi presidida pela Sra. Marilda Paiva, Presidente da Instituição Espírita Oásis no Caminho, que funciona na cidade de Piraiá.

Concluía-se deste modo o processo de unificação da família fluminense, em curso desde o ano 2.000.

Assim, o novo Conselho Espírita Fluminense, substituindo as duas unidades federativas, vai continuar mandando representantes para as reuniões anuais do Conselho Federativo Nacional, um dos departamentos da Federação Espírita Brasileira, cujo Estatuto, em seu parágrafo único do artigo primeiro, diz que a obra apócrifa “Os Quatro Evangelhos” de J. B. Roustaing é complementar às da Codificação Kardeciana, o que Allan Kardec negou em seu artigo publicado na Revista Espírita de junho de 1866, quando disse, categoricamente: “ – Conseqüente com o nosso princípio, que consiste em regular a nossa marcha pelo desenvolvimento da opinião, **até nova ordem, não daremos às teorias expostas por Roustaing nem aprovação, nem desaprovação, deixando ao tempo o trabalho de as sancionar ou de as contraditar.** Convém, pois, considerar essas explicações como **opiniões pessoais dos Espíritos que as formularam, opiniões que podem ser justas ou falsas**, mas que, em todo o caso, **necessitam da sanção do controle universal**, e, até mais ampla confirmação, **não poderiam ser consideradas como partes integrantes da doutrina espírita**”. (R.E. de junho de 1866 – Coleção EDICEL)

Com a histórica decisão dessa Assembléia, que agiu fiel ao mito da unificação, criado pelo famoso “Pacto Áureo” de 1949, o Espiritismo, no Estado do Rio de Janeiro, continuará atrelado a uma Federação (a FEB) que, desrespeita o Evangelho de Jesus, o Homem de Nazaré, servindo ao mesmo tempo a dois senhores: Kardec e Roustaing. Sim, porque o Mestre foi bem claro quando disse: “**Não se pode servir a dois senhores (...) não se pode servir a Deus e a Mamom**” (Lucas, cap. XVI, v. 13).

ECOS DO XII CONGRESSO ESPÍRITA DA BAHIA

Lê-se em “Os Quatro Evangelhos” de J. B. Roustaing: “Jesus foi fruto de uma concepção divina, milagrosa, no seio de uma virgem, no seio de Maria, por obra do Espírito Santo”. (Vol. I, pág. 221).

É por isso que o XII Congresso Espírita da Bahia, realizado em Salvador/BA, de 27 a 30 de outubro, foi aberto com a *Ave Maria!* de Gounot, entoada pelo coral “Encontro de Luz”. Viu-se no final muita gente se benzendo e fazendo o sinal da cruz.

Aliás, faço questão de citar um fato que aconteceu comigo, que ali estive como observador.

Após a palestra da Profa. Heloísa Pires, que, na manhã do dia 28 de outubro, fez uma conferência sobre o tema “O Espírito e o Tempo – uma introdução antropológica do Espiritismo”, de autoria de seu pai, José Herculano Pires, as pessoas presentes puderam mandar por escrito à mesa coordenadora dos trabalhos, os seus questionamentos. Eu então me animei e escrevi num pedaço de papal: “Profa. Heloísa Pires, seu ilustre genitor, na pág. 253 do livro que serviu de tema para sua conferência, disse o seguinte: “A imprensa espírita, que devia ser uma labareda, é um foco de infestação, semeando as mistificações de Roustaing...”, que diz a senhora sobre isto? Gostaria de ouvir a sua opinião?

Pois bem, o “ilustre” coordenador dos trabalhos leu, para os presentes, uma a uma, as perguntas que tinham chegado à mesa; sim, leu todas, menos a minha.

Eu então não me contive e me dirigi a ele em tom enérgico e disse: “ – O Sr. não leu em voz alta a questão que dirigi à mesa, para que dona Heloísa Pires desse seu parecer. Agiu, portanto, muito mal e, por isso, eu faço questão de manifestar, pessoalmente, o meu veemente protesto contra essa atitude que considero própria dos jesuítas do tribunal da Inquisição”.

Ele, diante de minha atitude explosiva, só declarou, tímido e medroso ao mesmo tempo: “ – Aceito o seu protesto”.

Aliás, aproveitei a oportunidade para pedir aos confrades, verdadeiramente adeptos de Allan Kardec, que leiam esse maravilhoso livro de José Herculano Pires, intitulado “O ESPÍRITO E O TEMPO”, lançado pela Editora Pensamento, em 1964 (1ª edição) e pela EDICEL-Editora Cultural Espírita, em 1977 (2ª edição, revista e ampliada).

Nesse Congresso a que me refiro, o confrade João Neves da Rocha dissertou, na manhã do dia 29 de outubro, por sinal com muita competência, o seguinte tema: “Evocações dos espíritos ou comunicações espontâneas?”, assunto bastante polêmico que há muito tempo divide a opinião dos militantes espíritas. Mas ele deu a sua opinião contrária à evocação dos espíritos. Não abriu o tema à discussão dos presentes, de modo que quem, como eu, era favorável à evocação, não pôde expor o seu pensamento, que é o mesmo do Mestre Allan Kardec, conforme deixou bem claro em “O LIVRO DOS MÉDIUNS”, cap. XXV da segunda parte, nº 269.

Alega-se que Kardec, no seu tempo, precisou lançar mão da evocação dos Espíritos. As gerações posteriores não precisariam desse instrumento. Então, - pergunto - por que ele aparece, amplamente, nesse segundo livro básico da Codificação? Por que não ficou para “Obras Póstumas”, como tantos outros temas importantes ?!

E lembre-se que o Mestre de Lyon começou o capítulo supra citado, chamando de “errados” aqueles que acham que se deve abster da evocação dos Espíritos.

UM PRESENTE BASTANTE ORIGINAL

Ao ensejo do transcurso do Natal de Jesus, recebemos do Sr. Jorge Damas Martins Sobrinho-neto, um presente bastante original: uma caixinha, dentro da qual havia uma “jóia”, ou melhor, uma larva feita de metal em forma de broche. Acompanhando este presente, veio um cartão de Boas Festas com os seguintes dizeres: “Este criptógamo carnudo vai protegê-lo por toda a vida. Feliz Natal e um Próspero Ano de 2006. Do seu confrade e amigo, Jorge”.

Como sou um homem de pesquisas, fui imediatamente aos dicionários, fazer uma consulta. E o que pude colher foi o seguinte: a) “larva” é o primeiro estado dos insetos, depois de saírem do ovo; b) “criptógamo” é um vegetal que não se reproduz por meio de flores e que tem órgãos reprodutivos pequeninos, dificilmente perceptíveis pelos leigos (hoje os criptógamos não constituem um grupo sistemático; estão divididos em muitos grupos independentes”.

Como eu sei que esse senhor que me cumprimentou é roustainguista fanático, fui então a “Os Quatro Evangelhos” de Roustaing, e vi que: os Espíritos, criados por Deus, trilham o caminho do progresso fora do corpo físico e chegam à etapa final, própria dos Espíritos puros (Anjos). Entretanto, por uma questão de orgulho, de inveja ou de ateísmo são rigorosamente castigados por Deus, que os faz sofrerem uma queda vertiginosa, sendo precipitados nos tenebrosos lugares da encarnação humana (teoria dos Anjos Decaídos). Para Roustaing, portanto, a encarnação é um castigo e não um fato natural, necessário para o progresso humano.

E é para cumprir um castigo imposto pelo Criador, que “o Espírito vai habitar corpos rudimentares, formados de substâncias grosseiras contidas nas matérias do planeta. Os elementos que compõem esses corpos se acham dispostos de tal maneira que o Espírito os possa usar. Não poderíamos compará-los melhor do que a **criptógamos carnudos**, ou seja, larvas informes que vegetam em certas plantas. São massa quase inerte, de matérias moles e pouco agregadas, que rasteja, ou antes, desliza, tendo os membros, por assim dizer, em estado latente...” (Ver J.B. Roustaing, em “Os Quatro Evangelhos”, 6ª edição da FEB, vol. I, págs. 310 a 313).

A ORIGEM DA ESPÉCIE HUMANA

Interessante! Eu acabara de reler a biografia de Charles Darwin, grande cientista inglês, uma das personagens ilustres que mudaram o mundo com sua “teoria da evolução” e o lançamento, em 1859, em Londres, do célebre livro de sua autoria, intitulado “A Origem das Espécies”, obra que, “ao ser publicada, causou um verdadeiro vendaval de furiosos e apavorados protestos. Contudo, os cientistas não demoraram a perceber que Darwin tinha razão: a origem da espécie humana estava mesmo no macaco, ou antropóide superior” (Ana Sproule).

É possível que Roustaing tenha sido um dos que protestaram contra a obra de Darwin, não aceitando, portanto, que os seres humanos primitivos, dotados de Espíritos muito atrasados, viessem aparecer no planete, vestindo corpos de macacos; preferiu dizer que

descendiam de “criptógamos carnudos” um misto de larvas e vegetais.

E ALLAN KARDEC O QUE DISSE?

Em seu último livro “A Gênese”, publicado em 1868, disse o seguinte: “ – Corpos de macacos teriam sido muito adequados para servirem de vestimentas aos primeiros Espíritos humanos, necessariamente, pouco avançados, que vieram encarnar-se na Terra...” Mas ele deixou bem claro: “... fique bem entendido que isto não passa de uma hipótese, a qual, de modo nenhum é formulada como um princípio...”

(Ver “Hipótese sobre a origem do corpo humano”, cap. XI, nº 15)

Assim, entre Roustaing e Kardec, prefiro ficar somente com Allan Kardec. Já a FEB e o seu Conselho Federativo Nacional, formado por todas as Federativas nacionais ficam com os dois, amordaçadas que se encontram pelo mito da unificação criado pelo infeliz “Pacto Áureo” de outubro de 1949.

PARECER SOBRE NOSSO LIVRO

De Uberaba/MG, recebemos de um confrade ilustre um bonito cartão postal com os seguintes dizeres: “Nobre confrade Erasto, sómente agora, restabelecido na saúde, (peço relevar-me a demora em ler), posso admirar e agradecer a oferta do seu excelente livro “SEVERINO DE FREITAS PRESTES FILHO, MEU PAI, MEU MESTRE”.

Saudações fraternas do confrade e amigo,

Fausto de Vito

Redator-chefe do jornal “FLAMA ESPÍRITA”, de Uberaba/MG.

OBS.: Obrigado, caro amigo Fausto, por suas palavras bastante incentivadoras.

ATENÇÃO:

Nosso livro supra citado continua à venda na Livraria da Editora e Distribuidora do Centro Espírita Léon Denis. Os pedidos podem ser feitos diretamente às Sras. Maria Regina, Lucimar ou Luzia, pelos telefones: 2.489-9847 ou 2.452-1849.

“O FRANCO PALADINO”

Responsável: Prof. Erasto de Carvalho Prestes
Rua Visconde de Moraes nº 159 ap/702 – Ingá
Niterói/RJ CEP = 24.210-145

☎☎☎ (0 XXX 21) 2-719-8022

E-mail erastoprestes@urbi.com.br